

Estudos em Homenagem ao
Doutor
António do Nascimento
Sá Coixão

Coordenação
Sandra M. Euzébio Naldinho
Tony Silvino

Ficha Técnica

Título: **Estudos em Homenagem ao Doutor António do Nascimento Sá Coixão**
Organização: **Museu da Casa Grande de Freixo de Numão**
Coordenação: **Sandra Naldinho & Tony Silvino**
Edição: **Museu da Casa Grande de Freixo de Numão**
Fotografia da Capa: **António Martinho Baptista**
Ano de Edição: **2021**
Conceção Gráfica: **Tipografia Lobão, Lda.**
Nº de Exemplares: **300**
ISBN: 978-972-99799-7-2
Depósito Legal: 485384/21

Os artigos publicados são inteiramente da responsabilidade dos seus autores.

MUSEU DA CASA GRANDE DE FREIXO DE NUMÃO
Vila Nova de Foz Côa 2021

- MAZA, Guillaume; TEYSSONNEYRE, Yannick (2013), Lyon 9e - 11-13 rue Roquette - Résidence Univers. Chaponnay: Archeodunum, 3 vol.

- POULAIN, Thérèse (1971), Station hallstattienne de 'La Faulx' à Bragny-sur-Saône (Saône-et-Loire) : la faune, rapport dactylographié.

- POULAIN, Thérèse (1973), étude de la faune. In BONNAMOUR, Louis, ed., " Fouille d'un habitat de la fin du Bronze à Epervans (Saône-et-Loire)", Revue Archéologique de l'Est, p. 69-127.

- POUX, Matthieu; SAVAY-GUERRAZ, Hugues (2003), " Lyon avant Lugdunum ", Gollion: Infolio.

- RAMPONI, Cécile; BELLON, Catherine (2004), Rapport de fouille - Lyon 9e, 24-34, rues sergent Michel Berthet/Cottin prolongées. Lyon: Inrap Rhône-Alpes/Auvergne, 2 vol.

- RAMPONI, Cécile; BELLON, Catherine; FRANC, Odile (2004), Lyon 9e (Rhône), 24-34 rues Sergent Michel Berthet/ Cottin prolongée. Bron: Inrap RAA, p. 2 vol.

- ROTTIER, Stéphane; CARRARA, Stéphane; DUCOURTHIAL, Cyrille (2007), 16-28 rue des Tuileries - 69009 Lyon. Lyon: Service Archéologique de la Ville de Lyon, p. 3 vol.

Descoberta de duas novas rochas no núcleo de arte rupestre da Penascosa

Thierry Aubry^{1,2}, António Fernando Barbosa¹, Luís Luís^{1,2}, André Tomás Santos^{1,2}, Marcelo Silvestre¹

(1) Fundação Côa Parque / Parque Arqueológico do Vale do Côa; (2) Centros de Investigação UNLARQ

Resumo: O sítio da Penascosa foi o primeiro sítio de arte rupestre paleolítica do Vale do Côa a ser sondado, em agosto de 1995. A duas sondagens realizadas em frente da rocha 4 e nas proximidades da 5 revelaram apenas depósitos aluviais e materiais modernos. No âmbito do projeto PIPA "Do Neandertal ao Homem anatomicamente moderno no centro da Península Ibérica: simbolismo e redes sociais no Vale do Côa", iniciado em 2017, realizaram-se novas sondagens no sítio. Estes trabalhos voltaram a não evidenciar indícios de depósitos ou vestígios arqueológicos contemporâneos das fases artísticas mais antigas do sítio. Todavia, no limite entre a vertente e a planície aluvial, as sondagens revelaram a existência de depósitos residuais com vestígios líticos atribuíveis ao Pleistoceno, assim como duas novas rochas gravadas com motivos atribuíveis estilisticamente ao Magdalense e Azilense, que se encontravam sob os aluviões modernos, a uma cota inferior à das gravuras descobertas em 1995, indiciando a possível existência de outros painéis soterrados.

Abstract: Penascosa was the first Palaeolithic rock art site to be discovered in the Côa Valley, in August 1995. Two test pits were carried out in front of the engraved panels 4 and 5, revealing alluvial deposits containing modern remains. Recent archaeological works were carried out in the context of the Project "Neanderthal to Anatomically Modern Human transition in the Côa Valley: Environments,

Symbolism and Social networks” approved by the Direção-Geral do Património Cultural, starting in 2017. The excavation did not reveal any evidence of preserved deposits or archaeological remains coeval with the oldest rock art phase of the site. However, at the interface between the slope and the alluvial plain, this excavation revealed the existence of vestigial deposits and lithic remains that could date from the Pleistocene, as well as two rock art panels with representations stylistically attributed to the Magdalenian and the Azilian, covered by modern alluvial deposits, at a lower level than all the engravings discovered in 1995, suggesting that other panels may be buried underneath the present-day top soil.

Palavras-chave: Penascosa, arte rupestre paleolítico, contexto arqueológico, planície aluvial

Key words: Penascosa, Palaeolithic rock art, archaeological context, alluvial plain.

1. Introdução

Descoberto em fevereiro de 1995 (Rebanda, 1995), o sítio da Penascosa (Baptista e Gomes, 1997; Zilhão, 1997) localiza-se entre as freguesias de Castelo Melhor e Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa, a cerca de 9 quilómetros da foz do Rio Côa, na sua margem direita (Lat. 41,005009°; Long. -7,105063°) (Fig. 1). Esta jazida encontra-se classificada como Monumento Nacional (Decreto n.º 32/97, de 2 de julho e Decreto n.º 6/2013, de 6 de maio) e foi integrada no Conjunto de Sítios de Arte Paleolítica do Vale do Côa, inscrito na Lista de Património Mundial da UNESCO (1999).

Até ao início dos trabalhos agora apresentados, conheciam-se 36 rochas gravadas no núcleo de arte rupestre da Penascosa, 30 das quais com motivos paleolíticos (Reis, 2012).

Em agosto de 1995 foram realizadas duas sondagens, sob a responsabilidade de João Zilhão, em frente às rochas 4 e 5, que evidenciaram depósitos de cronologia holocénica, estabelecida com base no seu conteúdo e características sedimentológicas (Zilhão, 1997). A realização de uma sondagem mecânica de 46 metros de comprimento, cerca de 400 metros a jusante destas rochas gravadas, confirmou a cronologia holocénica dos depósitos aluviais que preenchem o fundo do Vale do Côa, entre a Penascosa e a Quinta da Barca. Foi obtida uma data radiocarbono de 1000 ± 60 BP (Sac 1322) para a camada orgânica da unidade estratigráfica 5 deste corte (Zilhão, 1997, p. 45). A datação OSL dos depósitos aluviais, levada a cabo em 1995 no quadro

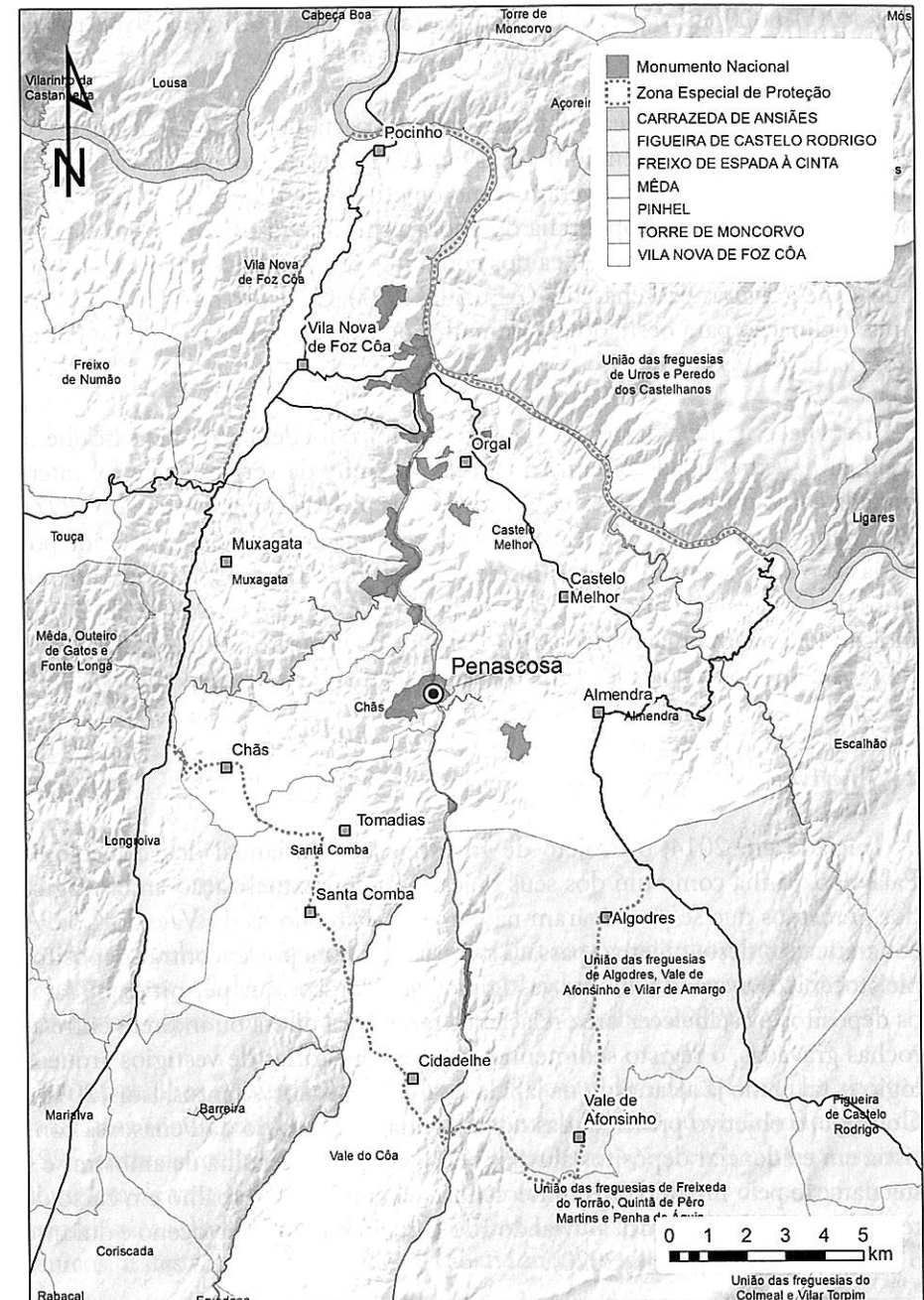


Fig. 1. O sítio da Penascosa no contexto do Baixo Côa.

do projeto “datação direta” da EDP, confirmou esta atribuição, fornecendo resultados de 1000 anos para um nível equivalente ao nível 5 atrás referido,

e de 4000-6000 anos, para uma amostra recolhida a cerca de 2,5 metros de profundidade (Zilhão, 1997, p. 13).

As prospeções geofísicas efetuadas pelo Departamento de Geociências da Universidade de Aveiro em julho de 1996, em frente das rochas gravadas e em torno das áreas sondadas, tiveram como objetivo a definição da espessura dos depósitos aluviais e da topografia do afloramento rochoso, bem como estabelecer a organização estratigráfica dos conjuntos sedimentares aluviais junto ao núcleo de gravuras da Penascosa (Almeida, 1997). Os dados obtidos revelaram uma inclinação para oeste do afloramento rochoso e a existência de 4 a 5 metros de depósitos aluviais.

Todavia, durante a descrição do corte mecânico foi detetada uma cascalheira residual na extremidade oriental do corte, no limite da vertente, que foi interpretada como um possível vestígio de depósitos pleistocénicos (Meireles, 1997). Este depósito de vertente residual, cortado por uma erosão fluvial posterior, poderia ser o equivalente dos depósitos de vertente identificados mais a jusante nos sítios do Colmeal (Aubry, 2010) e das Olgas de Ervamoira (Aubry et al., 2010), indicando uma eventual preservação localizada de depósitos de cronologia anterior aos depósitos holocénicos que preenchem atualmente o fundo do vale.

2. Objetivos

Iniciado em 2014, o Projeto de Investigação Plurianual de Arqueologia PalæoCôa tinha como um dos seus objetivos a contextualização arqueológica dos grafismos que se preservaram nas superfícies rochosas do Vale do Côa. A concretização deste objetivo passava necessariamente por encontrar depósitos pleistocénicos e eventualmente vestígios arqueológicos que permitissem datar os depósitos e estabelecer uma relação estratigráfica direta ou indireta entre as rochas gravadas, o registo sedimentar e outras categorias de vestígios arqueológicos, tal como já alcançado na jazida do Fariseu (Aubry, Santos, Luís, 2014). Contudo, o objetivo principal das novas sondagens no sítio da Penascosa consistia em evidenciar depósitos aluviais residuais, para a recolha de amostras e a sua datação pelo método da luminescência, no âmbito do trabalho em curso de reconstituição da dinâmica aluvial do Rio Côa no fim do Pleistoceno e durante o Holoceno (Aubry et al., 2020).

Considerando os resultados das sondagens geofísicas efetuadas em 1996 e informações orais que referiam o achado de uma rocha gravada, imediatamente enterrada, durante os trabalhos de escavação mecânica realizados em 1995 para a remoção de uma cerca que se localizava entre as rochas 3 e 4, estava prevista também a realização de uma sondagem nessa zona. Pretendia-se con-

firmar se debaixo dos sedimentos holocénicos se encontrava a referida rocha, caracterizá-la e compará-la com as demais do sítio.

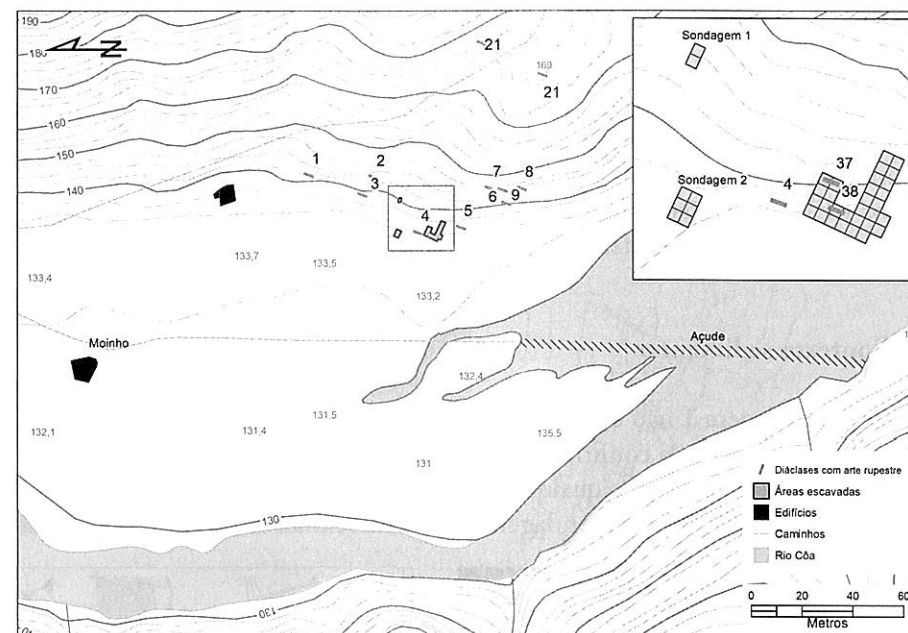


Fig. 2. Localização das áreas escavadas no sítio da Penascosa durante as campanhas de escavação de 1997 e 2018/2019.

3. Materiais e métodos

A metodologia aplicada na realização das sondagens fundamentou-se nos princípios metodológicos e nos resultados obtidos durante as intervenções realizadas nos sítios do Vale do Côa (Zilhão, 1997; Aubry, 2009).

Os trabalhos no sítio iniciaram-se dia 18 de outubro de 2018, com a abertura de uma sondagem de 2x1 m a uma cota mais elevada que a da sondagem de 1995, entre as rochas 3 e 4 (S1, Fig. 2). A sua escavação revelou uma ausência completa de vestígios arqueológicos e a presença de depósitos de vertente com características desfavoráveis à preservação de contextos arqueológicos pleistocénicos. Estes resultados levaram ao abandono dos trabalhos neste sector.

Os trabalhos posteriores concentraram-se no limite entre a vertente rochosa e a planície aluvial, tendo-se começado por abrir duas sondagens (S2 e S3), na última das quais se vieram a descobrir vestígios arqueológicos no depósito basal, assim como dois novos painéis gravados contendo motivos de cronologia paleolítica, o que motivou o seu alargamento.

Os trabalhos de levantamento da arte dos painéis 37 e 38, descobertos durante as sondagens, decorreram entre os dias 04 de junho e 10 de julho de 2019.

As rochas gravadas colocadas a descoberto foram alvo de registo documental, através de decalque direto, realizado sobre tela de polivinilo transparente. Os trabalhos de decalque foram realizados em ambiente escuro, proporcionado por uma cobertura negra que se estendeu sobre os painéis e a área imediatamente fronteiria, de forma a possibilitar o recurso à iluminação artificial com focos LED, direcionada de forma rasante e perpendicularmente ao eixo principal dos traços a reproduzir.

4. Contexto sedimentar

Se a Sondagem 1 não evidenciou sedimentos de origem aluvial (Fig. 3, 4 e 5) e a sondagem 2 não confirmou a existência de um painel gravado, sugerido por fontes orais, bem como qualquer vestígio arqueológico atribuível ao Paleolítico superior (Fig. 6, 7), a sondagem 3 revelou-se mais frutífera.



Fig. 3. Sondagem 1 no início dos trabalhos.

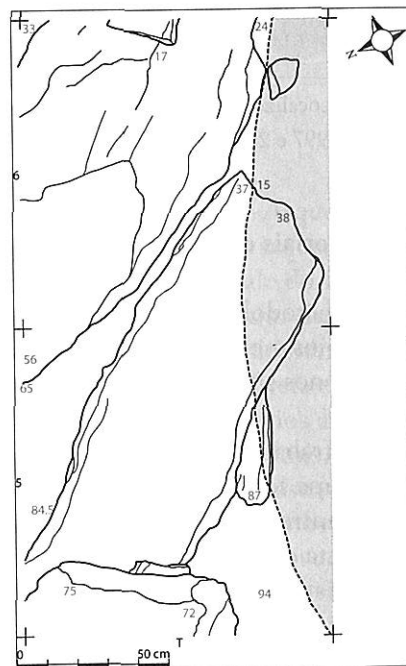


Fig. 4. Planta dos blocos encontrados no limite entre as unidades estratigráficas 2 e 3 da sondagem 1.



Fig. 5. Sondagem 1 no fim dos trabalhos.



Fig. 6. A) Sondagem 2 no início dos trabalhos e B) Afloramento com negativos da limpeza mecânica da vedação efetuada em 1996.

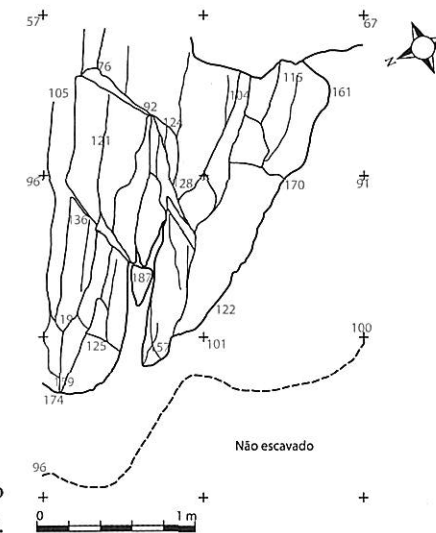


Fig. 7. Planta do afloramento na sondagem 2.

Paralelamente à realização da sondagem 2, foi efetuado um trabalho de observação sistemática das diáclases no sítio e, em função do modelo estabelecido com base na interpretação da tectónica regional (Aubry et al., 2017) e de observações prévias, que sugeriam a possível existência de gravuras no local (Santos, 2017: 258, 265), foi escolhido um outro local com potencial para a preservação de diáclases e de depósitos (Sondagem 3).

Este trabalho, iniciado dia 23 de outubro, numa área de 6 m² (R/S7-9, Fig. 2) revelou, depois da remoção de menos de 10 cm de sedimentos orgânicos superficiais, a presença, num painel rochoso, de impactos e de parte de uma figura picotada, cujo desenrolar dos trabalhos veio demonstrar ser o chifre de um macho de cabra-montês. A continuação da escavação mostrou a existência de outras figuras, entre as quais um segundo macho de cabra-montês picotado (Fig. 9) e dois animais incisos com o interior totalmente estriado, designadamente uma cervã. Esta rocha gravada, desconhecida antes do início das sondagens, foi incluída no inventário das rochas gravadas do sítio da Penascosa com o número 37.



Fig. 8. Rocha 37, no início da sondagem 3.



Fig. 9. Rocha 37, representação de um macho de cabra montês picotado orientado para a direita. À sua esquerda e abaixo da pata dianteira observam-se dois animais estriados, correspondendo o primeiro a uma cervo (cf. Fig. 17).

Os trabalhos de escavação evidenciaram 4 unidades lito-estratigráficas, que se distribuem ao longo de uma sequência sedimentar com uma espessura total de 1,5 metros de espessura, diretamente sobre o afloramento rochoso (banda R) ou sobre grandes blocos deslocados por gravidade no sentido da vertente (banda S) (Fig. 10). As unidades 1 a 3 apresentam características estruturais e texturais que resultam da sua deposição por processos aluviais de energia variável, intercalados por uma fase de alimentação coluvial, relacionável em parte com alterações climáticas, mas sobretudo com a modificação de origem antrópica do curso do rio Côa, com vista à alimentação de um moinho de água construído na área central do sítio, mais a jusante (Fig. 1). Foram encontrados fragmentos de cerâmica feita a torno, roladas ou não, nas unidades estratigráficas 2 e 3 (Fig. 12, nº1, 2).

A Unidade estratigráfica (UE) 1 define-se como um aluissolo em curso de formação num depósito de textura arenosa fina/média e siltosa, bem classificado, essencialmente constituído por quartzo. Segue-se-lhe a UE 2 (Munsell 10YR 6/4 a 5/4), de textura arenosa fina/média e siltosa, bem classificada, de estrutura laminada, com fragmentos de filitos da formação Pinhão de bordo anguloso (< 10 cm) e seixos de filitos, quartzo e granitos nas áreas de contacto com o afloramento (bandas 9-12).

A UE 3 subjaz-lhe (Munsell 10YR 4/4 a 4/3), com textura arenosa fina/grosseira, menos classificada que as unidades 1 e 2, com intercalações de níveis de cascalheira de estrutura fechada e suporte clástico constituído por plaquetas de filitos da formação da formação Pinhão rubefactas pelo fogo e de seixos de metassedimentos, quartzo, granito e quartzito (5-30 cm). A estrutura laminada dos níveis de textura fina e a orientação dos seixos nos níveis de cascalheira indicam uma alternância entre fases de dinâmicas aluviais de baixa e alta energia, alimentada localmente por depósitos de vertente, num ambiente aluvial de tipo barra lateral de funcionamento sazonal.

A UE 4 constitui-se como um depósito residual (Munsell 10YR 4/4) de textura arenosa, siltosa e argilosa, com estrutura fechada e suporte clástico constituído por plaquetas de filitos da formação Pinhão (< 10cm) de bordos angulosos. A sua textura resulta de uma combinação entre processos aluviais e locais de vertente. Finalmente, a UE 5 é um depósito clástico de cor acinzentada, por vezes esverdeada, devido à alteração *in situ* do afloramento de filitos e metagrauvaques da formação de Pinhão.

Depois da remoção de alguns dos blocos do quadrado S8 e S9, e da observação cuidadosa das suas superfícies de diáclase com vista à confirmação da não existência de gravuras, foi possível aprofundar a escavação. Na área fronteiriça à superfície gravada veio a revelar-se a existência residual de um depósito

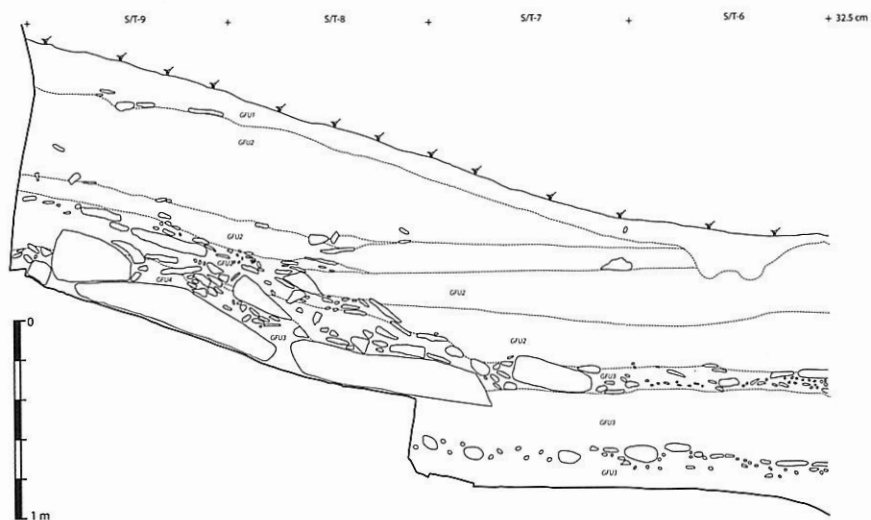


Fig. 10. Sequência estratigráfica observada entre as bandas S/T nos quadrados 6 a 9.

de vertente com características distintas, constituído por fragmentos de filitos e argila, resultantes da sua decomposição, integrados numa matriz de siltes de origem aluvial (Fig. 10, 11).



Fig. 11. Escavação da Unidade estratigráfica 4 no quadrado S9, frente a rocha 37.

Numa área circunscrita do quadrado S9, entre o painel 37 e um bloco deslocado, a escavação permitiu a identificação de vários vestígios líticos (Fig. 12 e Tabelas 1 e 2). A crivagem a água dos sedimentos demonstrou a ausência de vestígios de pequena dimensão, provavelmente devido à ação aluvial que os terá transportado. Nenhum dos vestígios líticos apresenta índices tecnológicos ou tipológicos diagnósticos de uma fase específica da Pré-história. Todavia, a ausência de quartzo leitoso, disponível localmente, e a comparação com as matérias-primas líticas utilizadas nos sítios da região, sugerem uma cronologia pleistocénica deste conjunto, que se constituirá como um possível contexto arqueológico para a rocha 37.

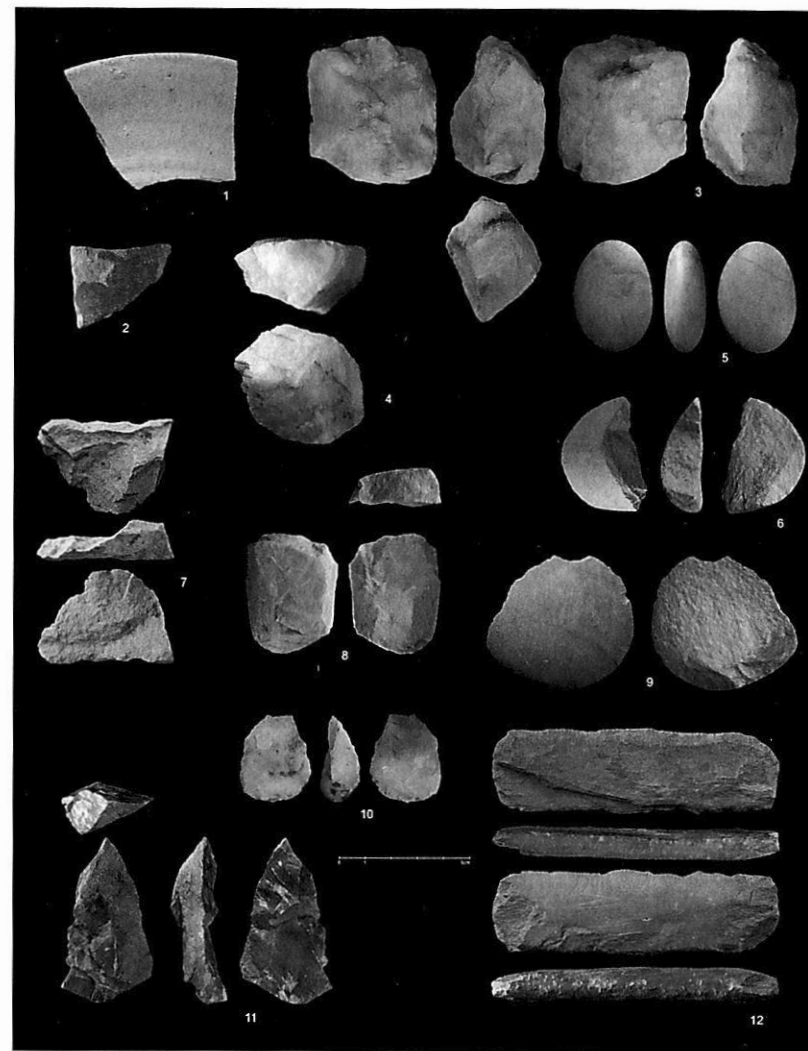


Fig. 12. Vestígios líticos encontrados na Unidade Estratigráfica 4 (nº 3, 5-11) e 2 (nº 4, 12), cerâmica ao torno encontrados na U.E. 2 (nº1) e 3 (nº2) dos quadrados S8 e S9.

MP* UE	1	2	2 base	3	4	Total
Cerâmica		6		2		8
Granito		1				1
J10		6		2	1	9
J11		1		3	3	7
J12				1	1	2
J13		1				1
J15					1	1
J16					1	1
J9	2	12	3	16	11	44
K2		8	1	1	5	15
Xisto	1	2	1			4
Total	3	37	5	25	23	93

* As referências das matérias-primas seguem Aubry *et al.* 2016.

Tabela 1. Materiais arqueológicos por matéria-prima e unidade estratigráfica.

Tipo	Suporte	UE	1	2	2 base	3	4	Total
Gravura	Plaqueta			1				1
	Bloco			2				2
Núcleos	Lasca			3	1			4
	Núcleo						1	1
	Seixo			2			1	3
Total Núcleos			7	1			2	10
Produtos secundários	Bloco						1	1
	Esquírola						2	2
	Lasca		3	13	3	9	11	39
	Percutor			1				1
	Seixo				1	1	1	3
	Siret			3		3	1	7
	Termoclasto			4		10	5	19
Total Produtos secundários			3	21	4	23	21	72
Utensílios	lasca			1				1
	seixo			1				1
Total Utensílios				2				2

Cerâmica	a torno		3		1		4
	de construção		3				3
	vidrada					1	1
Total Cerâmica			6		2		8
Total Geral		3	37	5	25	23	93

Tabela 2. Materiais arqueológicos por tipologia e unidade estratigráfica.

A descoberta do primeiro testemunho sedimentar no sítio da Penascosa, possivelmente pleistocénico, bem como a topografia, orientação e organização espacial das diáclases visíveis à superfície, levou ao prolongamento da escavação para sul, nas bandas V e W, deixando um testemunho nas bandas T e U (Fig. 2, 13). Ao contrário do esperado, esta sondagem revelou que a diáclase da rocha 37, bem como as diáclases visíveis na zona mais alta da vertente entre a rocha 37 e a rocha 5, não ultrapassavam os 50 cm de altura, e que o preenchimento sedimentar de cronologia moderna que as tapava não excedia essa altura. Os vestígios encontrados nos depósitos aluviais correspondem a materiais para aí aportados pelas cheias recentes, como plásticos e objetos metálicos que ficaram presos nas irregularidades do substrato.



Fig. 13. Extensão da sondagem 3 nas bandas V e W.

A sondagem revelou índices claros de extração de lajes de xisto, com uso de fogo para a sua fragmentação. Essas lajes poderão ter sido utilizadas na construção do canal de alimentação do moinho de água (Fig. 2). As marcas do arado visíveis em várias áreas mais elevadas do afloramento (cf. Fig. 16) atestam uma utilização agrícola recente dos solos desta área da planície aluvial, uma prática

documentada em fotografia aérea de 1958 (voo USAF). Todavia, a continuação da sondagem na direção do rio Côa revelou a existência, para oeste, de uma outra linha de diáclase nos quadrados V8 e W8 (Fig. 16), subparalela à rocha 37 e restantes diáclases gravadas. A escavação dos depósitos aluviais modernos, que constituíam o pacote sedimentar destes dois quadrados, até ao afloramento revelou a existência de uma diáclase, com cerca de 1,5 m de altura (Fig. 13) e, no quadrado V8, dos primeiros traços gravados por incisão e picotagem na rocha, que passaria integrar o inventário da Penascosa com o número 38. A sequência e as características sedimentológicas das unidades estratigráficas aluviais observadas (Fig. 14) são equivalentes às unidades 1-3 descrita no corte S/T. As incisões e impactos isolados da rocha 38 estão cobertas pela UE 2 e o topo da UE 3.

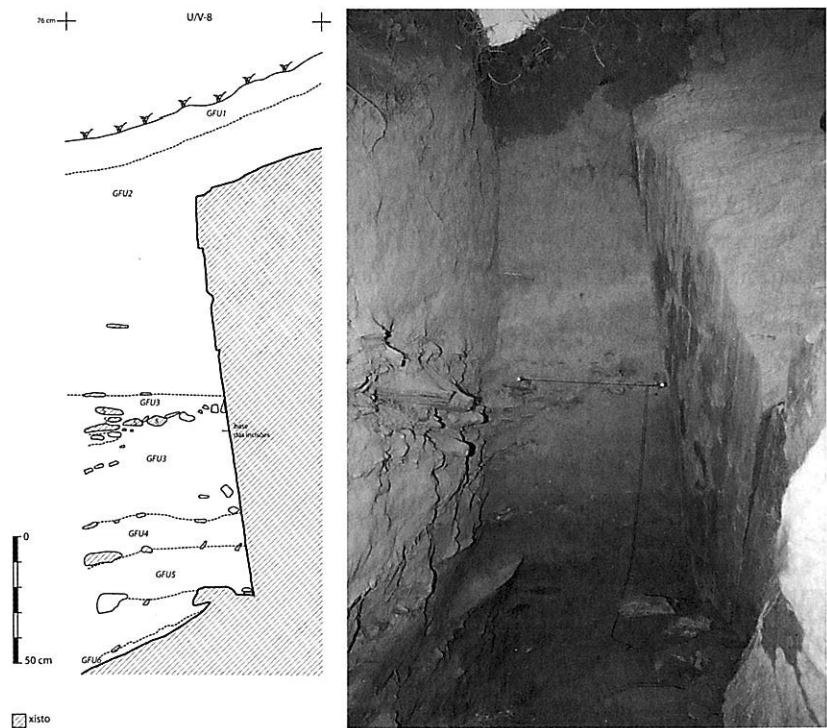


Fig. 14. Sequência litoestratigráfica observada no corte norte do quadrado V8 ao contacto com a rocha gravada 38. Está localizada a base das incisões no painel.

Depois de se documentar este corte, de se constatar que os depósitos que cobriam o afloramento eram de cronologia recente e que parte dele tinha sido explorado recentemente, decidiu libertar-se o resto da rocha 38. Os trabalhos confirmaram a sequência estratigráfica estabelecida nas duas áreas inicialmente escavadas e revelaram a presença de restos cerâmicos modernos rolados nas unidades estratigráficas 2 e 3.

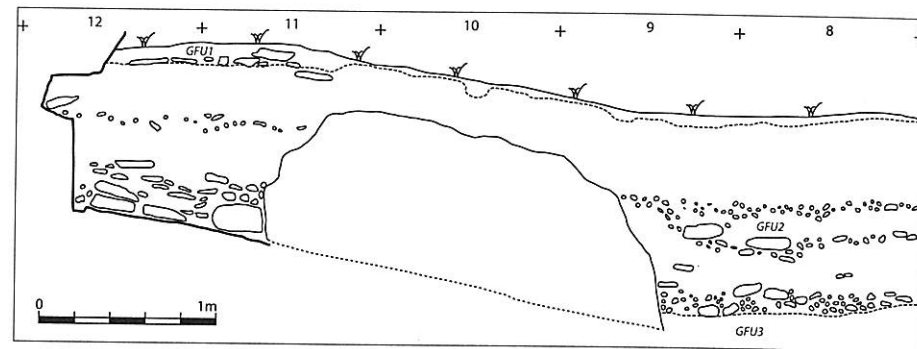


Fig. 15. Sequência litoestratigráfica observada entre as bandas Z e A' nos quadrados 12 a 8.

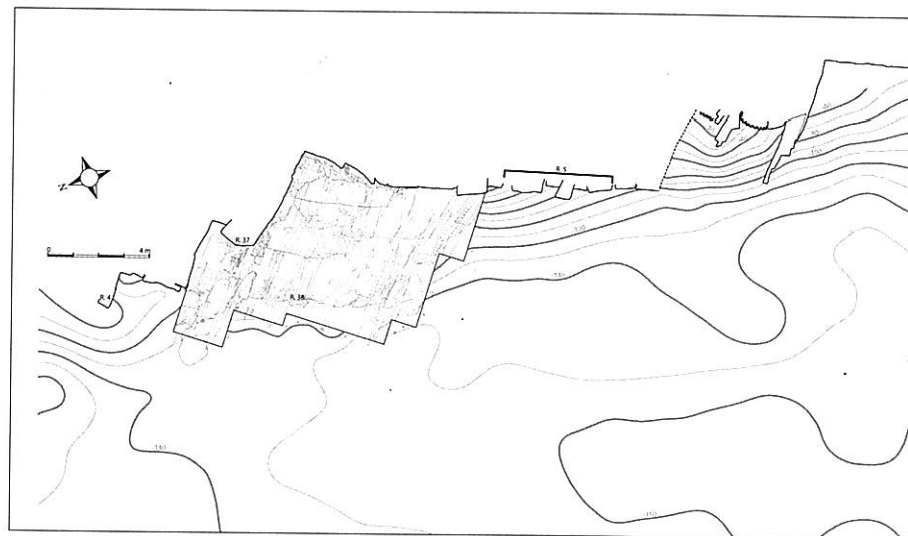


Fig. 16. Planta geral do afloramento rochoso nas áreas escavadas.

A continuação dos trabalhos permitiu ainda estabelecer que o limite inferior das gravuras da rocha 38 não tinha correspondência com nenhum dos limites entre as unidades estratigráficas adjacentes, o que prova que os depósitos que constituíam o solo no momento da realização das gravuras foram, entretanto, erodidos.

5. Arte rupestre

Os trabalhos de levantamento realizados permitiram a caracterização do dispositivo rupestre das rochas 37 e 38. O facto de não se ter ainda procedido à sua vectorização não nos permite uma descrição tão pormenorizada quanto a desejável. Contudo, tecemos desde já algumas considerações sobre os dispositivos de ambas as rochas.

Rocha 37

Ao centro observa-se um macho de cabra-montês orientado para a direita, definido por um traço picotado com os impactos pouco adossados entre si (Fig. 9). Este tipo de traço, tipificado como modalidade B da picotagem (Santos, 2017: 107), é muito comum entre as figuras de Siega Verde, atribuídas a uma fase entre o Solutrense Superior e o Magdalenense inicial (Alcolea & Balbín, 2006: 319), mas não deixa de aparecer, a par da modalidade A, nas figuras mais antigas. Contudo, outros fatores contribuem para que atribuamos a figura da Penascosa a este âmbito temporal, desde logo as semelhanças notórias com figuras do Côa atribuídas a esta fase, como por exemplo a cabra-montês da rocha 1 do Rego da Vide (RV01-02) ou a da rocha 5 (VC05-01) de Vale de Cabrões. Os paralelismos com a primeira reportam-se não só à técnica, como também à forma do casco, que aparece esboçado na pata traseira do animal da Penascosa, à forma modelada do bordo frontonasal, ou à presença de uma delimitação interna no corpo. As semelhanças com a figura de Vale de Cabrões são ainda mais claras, embora o facto desta última se encontrar incisa tenda a escondê-las. No entanto, a delimitação interna desta é ainda mais parecida com a da Penascosa, assim como a associação entre uma pata traseira mais modelada e uma dianteira de formato triangular, que ocorre em ambas as figuras, bem como a forma da cabeça.

Abaixo desta figura observa-se duas outras orientadas para a direita, incisas e totalmente preenchidas interiormente, correspondendo uma delas seguramente a uma cervá. Estas figuras, pelos paralelismos que dispõem com as figuras presentes na arte móvel do Fariseu (Santos et al., 2018), deverão ser já atribuídas ao Azilense (Fig. 17).

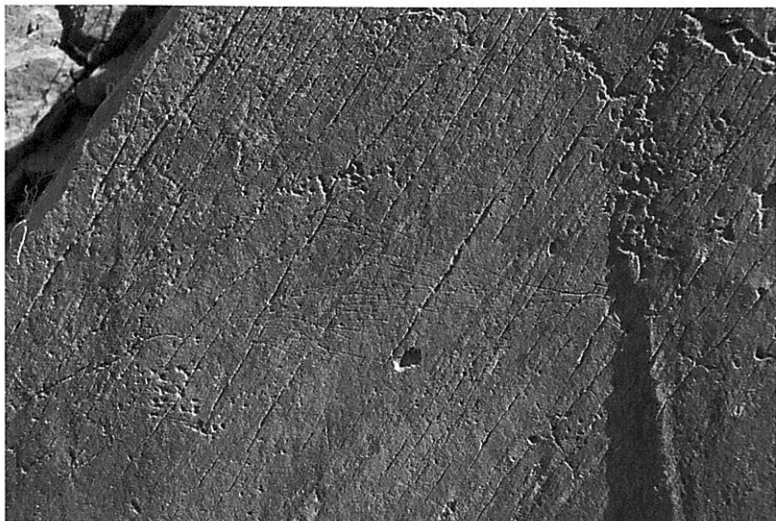


Fig. 17. Rocha 37. Cervá figurada por incisões com o corpo preenchido.

À direita da cabra-montês observa-se um macho de cabra-montês definido por uma picotagem com os impactos ainda menos adossados que os da figura central, aproximando-se do tipo “bago de arroz”, mais comum em figuras mais recentes. Também a sua forma remete para períodos já azilenses, fornecendo o cervídeo da rocha 6 de Vale de Cabrões (VC06-01) um bom paralelo para esta figura (Santos, 2017, 290-291).

No painel descobrem-se ainda outras incisões que poderão ser coevas da figura central, designadamente as que parecem conformar os quartos traseiros de dois quadrúpedes orientados para a esquerda.

Rocha 38

Esta rocha é muito mais complexa (Fig. 18), parecendo, no entanto, que o seu dispositivo rupestre se terá construído num tempo um pouco mais curto.

Na rocha distinguem-se pelo menos três painéis. No painel da esquerda predominam as figuras incisas, segundo as modalidades simples e múltipla, mas sobretudo a reiterada (Santos, 2017: 108), que é mais usual na fase plenamente Magdalenense, encontrando-se totalmente ausente durante o Azilense.

A espécie mais representada no painel é o auroque, essencialmente sob a forma de fêmeas (Fig. 19). Identifica-se ainda uma outra figura de bovino seguramente macho, que pode corresponder a um auroque algo atípico (Fig. 20), embora a sua cérvico-dorsal se assemelhe à dos bisontes da região franco-cantábrica, pelo que não se pode descartar esta hipótese.

Para além dos bovinos, identificam-se também outros animais, entre os quais pelo menos dois cavalos (Fig. 21), um veado, uma cabra-montês e outros quadrúpedes indeterminados.

Alguns destes animais destacam-se pelos detalhes nas cabeças (e.g. barbada do cavalo, marrafas nas nuças dos auroques) ou nos membros (e.g. os membros altamente modelados e dispostos em perfil uniangular de alguns auroques) ou pela suavidade das formas, características que a par das técnicas mais representadas, contribuem para a atribuição do painel a momentos plenamente magdalenenses.

Para além dos animais, observa-se uma grande profusão de repertório não figurativo cujo estudo só a vectorização irá permitir aprofundar.

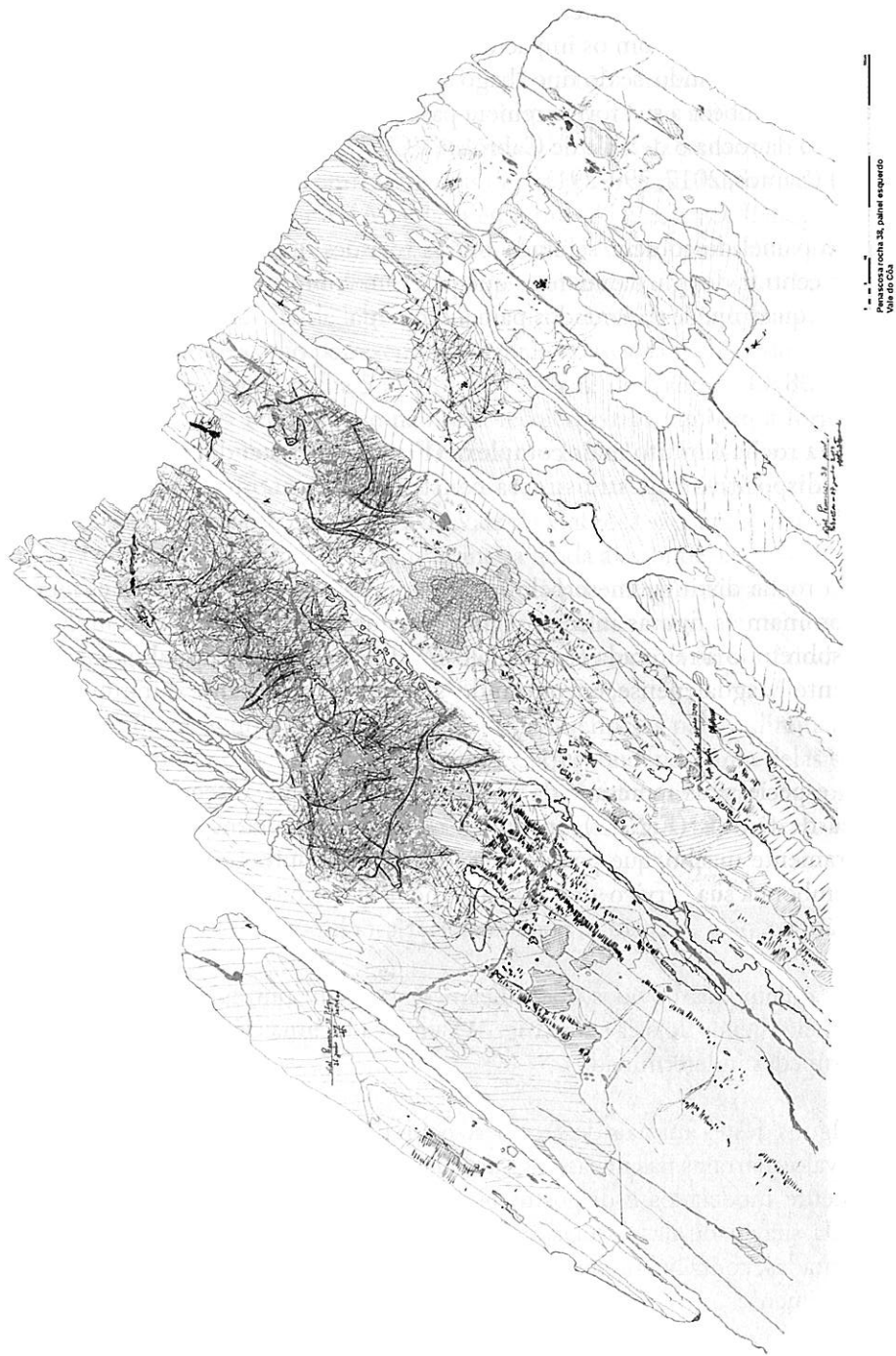


Fig. 18. Decalque direto da Rocha 38.

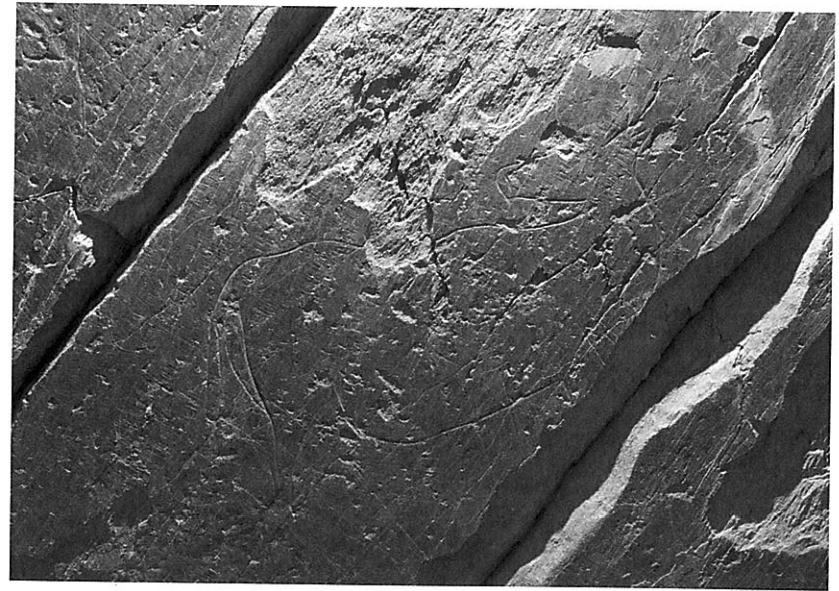


Fig. 19. Representação de auroque fêmea.



Fig. 20. Rocha 38. Grande bovino de espécie indeterminada.

A grande referência do Côa para este painel encontra-se nos painéis da rocha 24 de Piscos atribuídos à fase plenamente Magdalenense (e.g. painel 27, Santos, 2017: 173).

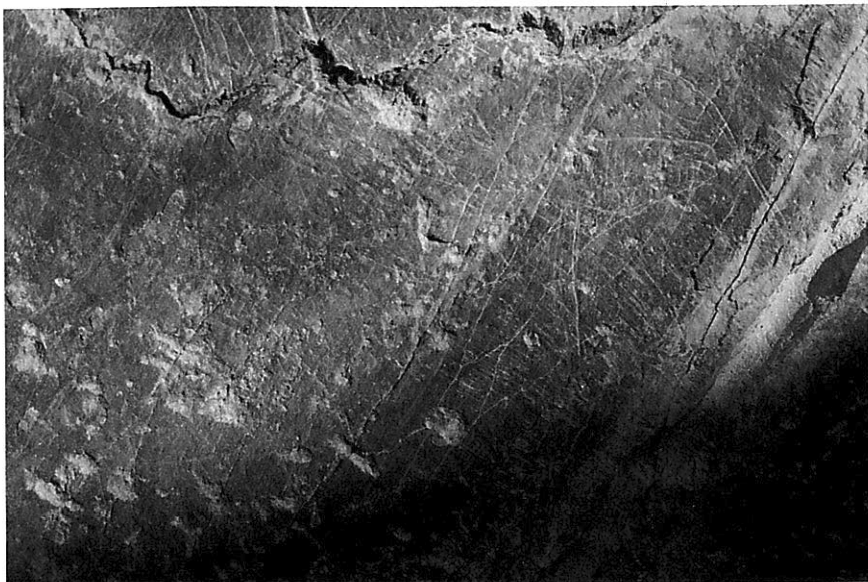


Fig. 21. Rocha 38. Figura de cavalo.

Num segundo painel da rocha, o primeiro a ser identificado, apenas se observam alguns traços gravados por abrasão, mas num terceiro observa-se uma cervo orientada para a direita, definida por traços finamente picotados e regularizados por abrasão. Destaca-se por possuir duas patas dianteiras. A sua forma remete para figuras genericamente mais antigas, atribuíveis à fase final do Solutrense/inicial do Magdalenense.

A erosão da parte superior desta rocha, assim como a existência, na zona superior do painel da esquerda, de grandes traços picotados e abradidos, que subjazem às figuras anteriormente descritas, denunciam a existência de uma fase anterior de gravação do painel, que entretanto foi quase totalmente destruída.

6. Conclusão e perspectivas

Com o objetivo de averiguar a continuação da diáclase que configura a rocha 38 foram realizadas duas campanhas de prospeção geofísica, sob a direção de Miguel Almeida da Octopetala, Lda. Os resultados preliminares confirmam a continuação do ressalto no substrato rochoso, correspondente provavelmente à mesma linha de diáclase e identificam uma área onde potencialmente se encontram boas condições para gravação. Esta prospeção revelou ainda a existência de uma reentrância do afloramento que poderá ter contribuído para a preservação de sedimentos pré-históricos nessa área específica.

As sondagens realizadas durante a campanha de 2018 e 2019 não permitiram a identificação das condições geomorfológicas necessárias para a preservação de depósitos aluviais de idade pleistocénica na Penascosa. Todavia, será ainda necessário confirmar este dado na área protegida pela queda de grandes blocos, que existe a jusante da rocha 3, assim como na área sugerida pela prospeção geofísica.

A sondagem em frente da rocha 37 revelou a possibilidade de preservação dos depósitos pleistocénicos junto da vertente, em condições específicas criadas pela topografia do substrato e pela dinâmica local da sua evolução.

Os trabalhos não revelaram para já a preservação de um contexto sedimentar e arqueológico para a rocha 38, mas estabelecem dados novos para reconstituir a evolução da dinâmica aluvial e dos ciclos de sedimentação e erosão na planície aluvial do Vale do Côa. Os levantamentos da arte das rochas 37 e 38 confirmam a singularidade destas duas novas rochas gravadas no contexto conhecido da arte da Penascosa. Destaque-se igualmente as temáticas da rocha 38, que encontram paralelos morfoestilísticos no contexto do Magdalenense franco-cantábrico.

A descoberta de novas rochas desta fase crono-cultural na posição topográfica mais baixa do registo conhecido na Penascosa, vem trazer novos elementos para a sua interpretação, oferecendo uma nova dimensão temporal ao seu ciclo artístico e fornecendo dados importantes para o estudo da sua visibilidade e funcionalidade ao longo e depois do Paleolítico Superior.

Apesar do reduzido contexto arqueológico, a identificação destas novas duas rochas vem confirmar o potencial do Vale do Côa na identificação de painéis gravados sob depósitos sedimentares. Esta descoberta sucede-se à identificação da rocha 1 do Fariseu (Aubry, Santos, Luís, 2014) e da parte inferior da rocha 24 da Ribeira de Piscos (Luís, 2009), tendo, entretanto, sido sucedida pela recente identificação da rocha 9 do Fariseu e respetivo contexto arqueológico (Aubry et al., 2020). Depois de se ter notabilizado pela abertura do horizonte da arte paleolítica ao ar livre, possivelmente mais comum do que a arte em gruta, de ter permitido estabelecer uma relação direta entre produção simbólica e atividades económicas, ausente das grutas, o Vale do Côa tem vindo a confirmar o seu potencial na identificação de novos painéis gravados, juntamente com os respetivos contextos arqueológicos. Tem sido através destes contextos que se têm obtido as respostas quanto à cronologia e contextos de produção e uso desta arte. O prosseguimento dos trabalhos arqueológicos continuará a trazer novidades nestes domínios.

A importância científica e patrimonial das duas rochas descobertas, motivou a sua integração no circuito de visita do Núcleo de Arte Rupestre da Penascosa, tendo-se procedido a um arranjo para facilitar o acesso aos respetivos painéis (Fig. 22).



Fig. 22. Degraus de pedra seca e vedação das rochas 37 e 38.



Bibliografia

- ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. & BALBÍN BEHRMANN, R. (2006) Arte paleolítico al aire libre. El yacimiento rupestre de Siega Verde, Salamanca. Junta de Castilla y León [Arqueología de Castilla y León, 16].
- ALMEIDA, F. (1997). Prospecção geofísica de depósitos quaternários. In ZILHÃO, J. (Ed.) Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: Trabalhos de 1995-1996. Lisboa: Ministério da Cultura. p. 55-73.

- AUBRY, T. (Ed.), 200 Séculos Da História Do Vale Do Côa: Incursões Na Vida Quotidiana Dos Caçadores-Artistas Do Paleolítico. Lisboa, Igespar, I.P. (Trabalhos de Arqueologia; 52).

- AUBRY, T. (2010). Géomorphologie des plaines alluviales du Côa: implications sur la visibilité et la conservation de l'art paléolithique de plein air. In Actas da Reunião «El Paleolítico Superior Peninsular- Novedades del siglo XXI», Barcelona: 239-254.

- AUBRY, T., BARBOSA, A.F., LUÍS, L., SANTOS, A.T., SILVESTRE, M. (2016). Quartz use in the absence of flint: Middle and Upper Palaeolithic raw material economy in the Côa Valley (North-eastern Portugal). *Quaternary International* 424: 113-129.

- AUBRY, T., BARBOSA, F., LUÍS, L., SANTOS, A.T., SILVESTRE, M. (2020). Fariseu, 20 Anos Depois: Novidades da arte paleolítica do Côa. *Al-Madan Online*, 23: 15-27.

- AUBRY, T., DIMUCCIO, L.A., SAMPAIO, J., SANTOS, A. (2010). Olgas de Ermamoira: seis metros de arquivo da Pré-História nas margens do rio Côa. *Coavisão* 12: 133-143.

- AUBRY T., LUÍS L., DIMUCCIO L. (2017). Porque é que a arte do Côa se concentra na margem esquerda? Condicionantes geológicas e ambientais para a formação e conservação dos suportes artísticos do Vale do Côa. *O Arqueólogo Português, Série 5* (4/5): 133-174.

- AUBRY, T, SANTOS, T., A, LUÍS, L. (2014). Stratigraphies du panneau 1 de Fariseu: analyse structurelle d'un système graphique paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa (Portugal). In PAILLET, P. (Ed.), *Les arts de la Préhistoire: micro-analyses, mises en contextes et conservation. Actes du colloque «Micro-analyses et datations de l'art préhistorique dans son contexte archéologique»*, MADAPCA - Paris, 16-18 novembre 2011, *PALEO*, numéro spécial: 259-270.

- AUBRY, T., SANTOS A.T., LUÍS L., BARBOSA, A.F., SILVESTRE M. (2020). Fluvial Dynamics and Palaeolithic Settlement: new data from the Côa Valley (Portugal). In RODRÍGUEZ ALVAREZ, X. P.; OTTE, M.; LOMBERA HERMIDA, A. & FÁBREGAS VALCARCE, R. (Eds.) *Palaeolithic of Northwest Iberia and beyond: multidisciplinary approaches to the analysis of Late Quaternary hunter-gatherer societies*, Paris: Publications scientifiques du Muséum & l'Académie des sciences (*Palevol*, 19:7): 117-135.

- BAPTISTA, A, GOMES, M.V. (1997). Arte rupestre. In: Zilhão, J. (ed.). *Arte rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa, Ministério da Cultura: 210-406.
- LUÍS, L. (2009). Rocha 24 da Ribeira de Piscos: Contexto estratigráfico de uma rocha gravada. In AUBRY, T. (Ed.), *200 Séculos Da História Do Vale Do Côa: Incursões Na Vida Quotidiana Dos Caçadores-Artistas Do Paleolítico*. Lisboa, Igespar, I.P. (Trabalhos de Arqueologia; 52): 84-93.
- MEIRELES, J. (1997). O Quaternário do Vale do Côa. In ZILHÃO, J. ed. *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa, Ministério da Cultura: 41-54.
- REBANDA, N. (1995). Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa. Lisboa, IPPAR.
- REIS, M. (2013). Mil rochas e tal...!": Inventário dos sítios de arte rupestre do Vale do Côa (2a parte). *Portugália* 34: 5-68.
- SANTOS, A. T. (2017). A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto [Tese de Doutoramento].
- SANTOS, A. T.; BARBOSA, A. F.; AUBRY, T.; GARCÍA DÍEZ, M. & SAMPAIO, J. D. (2018). O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: a arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova de Foz Côa). *Portugália* 39: 5-96.
- UNESCO (1999). Report on the twenty-second session of the World Heritage Commission. Kyoto, Japan (30 November - 5 December 1998) (Report). World Heritage Commission, Paris.
- ZILHÃO J. (Ed.) (1997). *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa, Ministério da Cultura.

Le territoire antique de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa): poste avancé de la Lusitanie aux confins nord-ouest de la péninsule ibérique

Tony Silvino

Eveha, chercheur associé UMR ArAr – 5138

Résumé: Les nombreux travaux réalisés par António do Nascimento Sá Coixão dans le concelho de Vila Nova de Foz Côa ont permis de mettre à la lumière du jour toute une série de sites allant de la Préhistoire jusqu'à l'époque Moderne. Pour la période antique, force est de souligner la concentration de gisements archéologiques dans cette région escarpée de la vallée du Douro, en particuliers dans le secteur de Freixo de Numão, La richesse du patrimoine antique dans ce secteur permet de tirer des conclusions sur les formes d'occupation antique depuis la fin de l'âge du Fer jusqu'à l'aube du Moyen Age. Ainsi toute une série d'habitats liés à des activités agro-pastorales s'organise autour du vallon de la ribeira de Murça et plus précisément d'une voie qui relie le fleuve à la localité de Freixo de Numão, qui était jusqu'à une date récente suspectée comme étant la capitale de cité des Meidubrigenses. Si cette hypothèse semble aujourd'hui caduque, les nombreux vestiges découverts dans ce village orienteraient la réflexion plutôt vers une agglomération secondaire à vocation économique et administrative, en marge nord de la province de Lusitanie.

Abstract: The extensive work made by António do Nascimento Sá Coixão in the municipality of Vila Nova de Foz Côa have allowed to shed light on a series of archaeological sites, dating back from Pre-History to Modern times. In the classical period, there is a specially large concentration of sites in this hilly region of the Douro Valley, particularly around Freixo de Numão. These have allowed to take